

Lição 24: Como há demonstração “quia” através de coisas não imediatamente conectadas

“b13. Isso também ocorre quando— b14. Por exemplo, a questão— b24. Um silogismo com esse tipo— b27. Tais causas são como— b32. Assim, então, faz-se o silogismo

Após esclarecer com exemplos como há demonstração *quia* através do efeito, o Filósofo mostra aqui como há demonstração *quia* através de coisas não imediatamente conectadas. Primeiro, ele amplia sua proposição. Em segundo lugar, mostra como os termos médios se relacionam com as conclusões neste tipo de demonstração (78b27). Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, declara sua intenção. Em segundo lugar, esclarece com exemplos (78b14). Em terceiro lugar, coloca em forma silogística (78b24).

Ele diz, portanto, primeiro (78b13) que há demonstração *quia* e não *propter quid* não apenas naquelas matérias que são provadas através de um efeito, mas também “nas matérias em que o termo médio é posto exteriormente”. Ora, diz-se que um termo médio é posto exteriormente quando é diverso do termo maior, como em silogismos negativos; ou diz-se que um termo médio é posto exteriormente quando está fora do gênero, por ser algo mais comum e não conversível com o termo maior. Que algo não pode ser demonstrado *propter quid* através de tal termo médio, ele prova com base no fato de que a demonstração *propter quid* é através de uma causa. Mas o termo médio em questão não é, propriamente falando, uma causa.

Então (78b14) ele esclarece o que disse com um exemplo, dizendo que se alguém tentasse provar que uma parede não respira porque não é um animal, não estaria demonstrando *propter quid* nem dando a causa. Porque se o fato de não ser animal fosse a causa de não respirar, seria necessário que ser animal fosse a causa de respirar — o que é falso. Pois há muitos animais que não respiram. Pois é necessário, se uma negação é a causa de uma negação, que a afirmação seja a causa da afirmação, como o fato de não estar quente e frio na medida devida é a causa de alguém não se curar, e o fato de estar quente e frio na medida devida é a causa de alguém se curar. O inverso também é verdadeiro, ou seja, que se uma afirmação é a causa de uma afirmação, a negação é a

causa da negação. Mas isso não ocorre no caso em questão, porque a afirmação não é a causa de uma afirmação, já que nem todo animal respira.

Então (78b24) ele organiza o exemplo acima em forma silogística e diz que deve ser organizado na segunda figura. E isso é assim porque na primeira figura não pode haver uma conclusão negativa tal que a maior seria afirmativa, como nosso exemplo exige. Pois "respirar", que é o extremo maior, deve ser unido a "animal", que é o termo médio, segundo a afirmação. Mas "parede", que é o extremo menor, deve ser unida a "animal", que é o termo médio, segundo a negação. Consequentemente, a maior será afirmativa e a menor negativa. Mas tal coisa nunca ocorre na primeira figura, apenas na segunda.

Seja, então, "animal" A, i.e., o termo médio, "respirar" B, i.e., o extremo maior, e "parede" C, i.e., o extremo menor. Segue-se, portanto, que A está em todo B, porque tudo o que respira é animal; mas A não está em nenhum C, porque nenhuma parede é animal. Logo, segue-se que B também não está em nenhum C, i.e., que nenhuma parede respira. Além disso, se fosse usado o termo médio mais próximo, seria demonstração *propter quid*: por exemplo, se fosse mostrado que uma parede não respira porque não tem pulmões. Pois tudo o que tem pulmões respira, e inversamente.

Então (78b27) ele mostra como esses termos médios se relacionam com a conclusão, dizendo que tais causas distantes são comparadas ao que explicam como sendo muito remotas, porque ultrapassam os limites da conclusão a ser provada. Além disso, um termo médio desse tipo atribui o que é rebuscado, como na prova de Anacáris de que não há flautistas entre os citas porque não há vinhedos lá. Pois este é um termo médio bastante rebuscado. Um mais próximo seria que eles não têm vinho, e mais próximo ainda, que eles não bebem vinho, do qual se segue um coração alegre que move a cantar — se tocar flauta for tomado como cantar. Ou talvez seja melhor dizer que tocar flauta não é tomado por qualquer canto, mas pelo canto dos ceifeiros, chamado "celeuma".

Então (78b32) ele resume o que disse e declara que estas são as diferenças entre o silogismo *quia* e o silogismo *propter quid* na mesma ciência, "e segundo a posição dos mesmos", i.e., daqueles que têm a mesma ordem. Isso ele diz para excluir o que discutirá mais tarde, a saber, que uma ciência está sob outra.